



**Nabokov:**  
'Perfeição' reúne  
contos do escritor  
russo • 3

# PROSA & VERSO

**Ensaio: Bio**  
Casares escreve  
sobre a literatura  
italiana • 6

SÁBADO, 2 DE MARÇO DE 1996

## Um inventor de palavras

Manoel de Barros lança livro com poemas inéditos sobre a infância e diz que prefere o Leblon ao Pantanal

ENTREVISTA

Manoel de Barros

Manoel de Barros não sabe fazer as coisas pela metade. Foi a Lisboa só para se sentar à mesma mesa usada por Fernando Pessoa num restaurante do bairro do Chiado. Leu a obra de Guimarães

Rosa para escrever um livro em homenagem ao autor de "Grande sertão: veredas" e se sentiu *roseado*. Considerado um dos maiores poetas brasileiros vivos, ele se prepara para lançar, pela Record, "Livro sobre nada", com poemas inéditos. Aos 79 anos, diz que voltou à infância

nos novos versos e conta que não escreve sobre as paisagens do Pantanal, onde fica sua fazenda, porque elas já vivem dentro dele. Explica também o "nada" do título do livro: "O meu nada é nada mesmo. Uma lata furada. Não sou capaz de indagações metafísicas".

Daniela Narnie

O GLOBO: O título de seu novo livro mudou de "Contemplação dos detritos" para "Livro sobre nada". Por quê?  
MANOEL DE BARROS: "Contemplação dos detritos" é o título de um poema do livro. O título geral eu ainda não achava. Achei agora, será "Livro sobre nada". Parece que está mais de acordo comigo. Gosto de dizer que o meu nada é nada mesmo. Coisa nenhuma, nadaísta. Não seria o *Nada* metafísico. O que vem de nossa perplexidade diante da vida, o nada existencial. Não sou capaz de indagações metafísicas. Não. O meu nada é nada mesmo. Uma lata furada. Um objeto sem função. Um besouro que não trepa no abstrato. Alarques para silêncio. Talvez o meu nada seja um engenho que inventei para infantilizar formigas. Também pode ser um nada pessoal. Algum sujeito que esteja entrando num esgoto. Um tipo de ser que falasse coisas assim: "Do lugar onde estou já fui embora". Ou: "Não saio de dentro de mim nem pra pescar". Ou: "Tudo que não invento é falso".

• O senhor estava relendo a obra de Guimarães Rosa para fazer um livro com diálogos fictícios com ele. Abandonou o projeto?  
BARROS: Pretendi mesmo fazer uma prosa em que eu falasse coisas do Pantanal e o Rosa falasse coisas do seu sertão. Pensei em inventar conversas. Eu com minhas molecagens semânticas, ele com a sua sintaxe exuberante. Então fui reler o Rosa todo. E emergiu *roseado*. Escrevendo *roseado*. Fazia só pastiches dele. A força do gênio me anulou. Fiz 12 laudas do tal livro e vi que não me saíram. Saíram a ele. Vou dar um surto para me ser de novo. Além disso, eu estava cheio de silêncio outra vez, e precisava soltar em versos esses silêncios.

• O senhor já foi comparado a Rosa por inventar palavras. Como se amadurece um vocabulário tão particular?

BARROS: Eu invento palavras de acordo com as virtualidades do nosso idioma. O povo sabe fazer isso mais do que os escritores. Aquele nosso ex-ministro do Trabalho, o Magri, que é um homem do povo, inventou um modo do verbo mexer que mexeu com os vestais da gramática. Ele disse "mexível". Não fez mais nada do que usar um processo virtual da criação. Hoje se lê em colunas de cinema: "um filme imperdível". Ninguém se assusta. Não estou defendendo o Magri, estou defendendo um processo legítimo de enriquecer o idioma.

• Seu novo livro traz recordações da infância no Pantanal. É mais fácil para um escritor lembrar os tempos de criança quando chega à maturidade?

BARROS: No meu caso, está sendo um regalo. Parece que a gente chegou no olho da fonte. A gente vai desobstruindo os entulhos da fonte tirando de lado os *aprendimentos* de tomos, afastando informações, chegando ao *des-saber* perfeito. Então as lembranças borbulham. Estou tendo um borbulhamento das memórias de minha infância, das memórias fósseis dos meus antepassados, muitas memórias de mil anos, talvez. Parece que estou aprendendo de novo a fazer fogo atritando pedras.

• Apesar de escrever desde os 19 anos, o senhor só se tornou um autor famoso depois dos 60. Isso foi bom ou ruim?  
BARROS: Quando publiquei meu primeiro livro, "Poemas concebidos sem

*'O que sei de escrever aprendi de não estudar. É como ter faro bom. Eu toco de ouvido'*

pecado", padece de uma presunção... Achava que o livro ia estourar. Eu andava lendo muito Alencar e Mário de Andrade. Fiquei com aquele ritmo do início de "Iracema" e de "Macunaíma". Na ingenuidade dos meus 19 anos, achei que os críticos descobririam a semelhança entre mim e eles e me elevariam ao nível de Mário de Andrade. Mas foi o

maior silêncio, ouço ele até hoje. Cai de muito alto. Um dia, aos 60 anos, alguém me viu. Não achei bom nem ruim. Foi o meu caminho. O resto é bênção.

• Alguns de seus poemas usam expressões do povo. Qual é a importância da linguagem popular na sua poesia?  
BARROS: O que sei de escrever aprendi de não estudar. Toco de ouvido. Tenho um instinto lingüístico apurado. Seria como ter faro bom. Tenho um agudo e especial gosto por ouvir expressões inusuais, sintaxes tortas. Povo, criança, bêbados, psicóticos e primitivos renovam as linguagens. Inventam maneiras de falar que me entusiasma. Sou muito abastecido por esses falares. São os que criam por fora dos livros. Invento

mais a partir deles do que dos grandes escritores.

• Como preservar essa linguagem depois que os caminhoneiros, o rádio e a televisão começaram a levar as expressões do Sudeste para o resto do país?  
BARROS: Vivi uma experiência fascinante de certo dialeto que estava se formando no Pantanal da minha infância. Meus pais viveram 30 anos dentro do Pantanal. Aos 9 anos eu fui estudar fora. Voltava nas férias para a fazenda. Aquilo era um núcleo com dez, 15 pessoas. Lugar isolado. Com 15 anos, comecei a me interessar pelos costumes e pelos termos que as pessoas falavam. Expressões novas, inventadas para suprir a pobreza do vocabulário. Achava que um dialeto se formaria naquela ilha lingüística. Fiquei entusiasmado, colecionei cerca de 500 termos. Pensei em estruturar o dialeto pantaneiro. Mas vieram os radinhos de pilha, caminhões, carros, gente de fora. E o meu dialeto se poluiu. Dizem que eu falio isso com certa amargura, porque não pude preservar a pureza primitiva das falas do Pantanal. Pode ser.

• Ao falar do Pantanal, o senhor deixa de lado as grandes paisagens e prefere se dedicar a caramujos, insetos e outras miudezas. Também gosta muito do mar. Acha que o brasileiro — especialmente o escritor brasileiro — tem mania de grandezas?  
BARROS: Sei de tudo que o Pantanal representa como santuário ecológico. Só que nasci e me criei lá. Acho que a paisagem está incorporada em mim. Os encantos se apagam. O mar, o grande mar, também não deve ter o mesmo encanto para mim e para os surfistas. Não desprezo o Pantanal. Mas prefiro o Leblon. O mar me fascina porque não tenho mar. E o Pantanal fascina aos que não têm sua diátria paisagem. Agora, não sei por que esse gosto pelo ínfimo. Só sei que é nele que vejo a exuberância.

• Sua obra também já foi comparada a de Alberto Caetano, heterônimo de Fernando Pessoa. O título de um de seus livros, "O guardador das águas", é uma homenagem a ele?

BARROS: Mostrei meu gosto pelas ilberdades de Caetano com o título. É pelo tanto que amo "O guardador de rebanhos". Fui até Lisboa só para me sentar na mesa de um restaurante do Chiado, onde Fernando Pessoa se sentava. Bem, não foi só por isso, mas era um desejo poético. Entrei no restaurante, havia só uma mesa vazia. Perguntei ao garçom: "Em que mesa o poeta se sentava?". E o garçom: "Naquela que está vazia". Eu vi logo que todas as mesas que estivessem vazias seriam aquela em que o poeta se sentava. ■



Cezarite



### Freud e os sonhos

Em Londres, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, o médico austríaco Sigmund Freud vive seus últimos anos de exílio tentando interpretar os próprios sonhos. Fascinante mistura de ficção e realidade, *Comendo Pavlova* utiliza os princípios da psicanálise para construir um brilhante e apaixonante jogo intelectual, e um polêmico e intrigante quadro dos últimos momentos de vida de um dos mais



Mais um lançamento  
com a qualidade  
**Record**  
Nas melhores livrarias  
ou pelo telefone  
(021) 685-2002



**Comendo  
Pavlova**  
D.M. Thomas

R\$ 4,90

	influentes pensadores da história.	304 páginas <b>PREÇO: R\$ 24,90</b>
--	------------------------------------	--